



**Como os deuses chegaram até nós:
por outras historiografias,
sociologias, filosofias e antropologias**

**Magia, Rituais, Mitos,
Religião e Capitalismo:
consonâncias,
dissonâncias e relações
com a Morte, um Ensaio**

Como os deuses chegaram até nós:
por outras historiografias, sociologias,
filosofias e antropologias

Tema

Magia, Rituais, Mitos, Religião e
Capitalismo: consonâncias, dissonâncias e
relações com a Morte, um Ensaio

Duarte, M. B.

2024.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Duarte, Marcelo Barboza

Como os deuses chegaram até nós : por outras historiografias, sociologias, filosofias e antropologias / Marcelo Barboza Duarte. -- 1. ed. -- Niterói, RJ : Ed. do Autor, 2024.

Tema: magia, rituais, mitos, religião e capitalismo: consonâncias, dissonâncias e relações com a morte, um ensaio

Bibliografia

ISBN 978-65-01-02034-1

1. Antropologia 2. Filosofia 3. Historiografia
4. Religião 5. Sociologia I. Título.

24-206280

CDD-200

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciência da religião 200

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

ISBN: 978-65-01-02034-1



Título

Como os deuses chegaram até nós: por outras historiografias, sociologias, filosofias e antropologias

Tema

Magia, Rituais, Mitos, Religião e Capitalismo: consonâncias, dissonâncias e relações com a Morte, um Ensaio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Duarte, Marcelo Barboza

Como os deuses chegaram até nós : por outras historiografias, sociologias, filosofias e antropologias : magia, rituais, mitos, religião e capitalismo : consonâncias, dissonâncias e relações com a morte, um ensaio / Marcelo Barboza Duarte. -- 1. ed. -- Niterói, RJ : Ed. do Autor, 2024.

ISBN 978-65-01-02034-1

1. Capitalismo 2. Crenças 3. Historiografia
4. Misticismos 5. Religião 6. Rituais I. Título.

24-206280

CDD-291.422

Índices para catálogo sistemático:

1. Misticismo : Espiritualidade : Religião 291.422

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



Título

Como os deuses chegaram até nós:
por outras historiografias, sociologias,
filosofias e antropologias

Tema

Magia, Rituais, Mitos, Religião e
Capitalismo: consonâncias, dissonâncias e
relações com a Morte, um Ensaio

Duarte, M. B.

2024.

Sumário

Resumo	p.7
Apresentação	p.9
Introdução	p.16
Situando o objeto e sua problemática	p.21
O objeto, objetivos e sua contextualização no tecido sócio-histórico	p.36
Magia, Rituais, Mitos, Religião e Capitalismo: consonâncias, dissonâncias e relações com a Morte	p.51
Considerações	p.86
Referências Bibliográficas	p.106

Título

Como os deuses chegaram até nós: por outras historiografias, sociologias, filosofias e antropologias

Tema

Magia, Rituais, Mitos, Religião¹ e Capitalismo: consonâncias, dissonâncias e relações com a Morte, um Ensaio

¹ - O termo ou palavra Religião está expressa no singular propositalmente. E não que exista apenas uma única religião, verdadeira, absoluta etc. Mas sim apenas como uma abordagem provocativa. Sendo assim, no decorrer do trabalho e após o esclarecimento do termo, ele aparecerá no plural, abarcando as diversas formas, modos, expressões e manifestações religiosas. Mas a provocação do termo no singular permanecerá nas entrelinhas. Uma vez que, quando o mesmo aparece em certas literaturas, certas pesquisas, em certos discursos socioculturais e religiosos, dão se a impressão que tais sujeitos, grupos e concepções religiosas estão evocando e invocando uma única religião, uma espécie de entidade, instituição, sistema maior ou talvez uma religião dominante, hegemônica, que está sobre todas, regula a todas e todos. Logo, quando lemos ou ouvimos: a religião é ou a minha religião é. Parece se evocar, invocar, apresentar e informar sobre uma entidade religiosa mística, abstrata e concreta superior. Como uma expressão de algo global e universal. Ao invés de se dizer: a instituição religiosa é ou a minha instituição religiosa é, ou talvez a manifestação religiosa é ou a minha manifestação religiosa é. Isso evitaria e retiraria a imagem construída na e com a linguagem, de um trono vazio ou ocupado por alguma religião ou instituição religiosa, com a pretensão de ser única, verdadeira, absoluta, superior, genuína, melhor e sobre todas as outras. Sendo assim, não há religião boa e nem má, nem religião verdadeira e nem falsa, uma vez que, não existe uma religião verdadeira e nem uma única religião. Esta será a investigação e demonstração do trabalho em tela. Sendo o trabalho uma abordagem com e de caráter-método ontológico-materialista dos objetos e fenômenos estudados.

Resumo:

O trabalho em tela é um esforço de expor e contextualizar, as possíveis expressões das primeiras formas, modos e tipos de manifestações místicas, ritualísticas, mágicas, sacrificiais, de crenças e míticas nos processos sociais, culturais, econômicos, políticos e históricos das sociedades. Verificando assim, os primeiros fundamentos, processos e construções biopsicossociais, bem como suas produções e reproduções místicas e de crenças. Isso sendo verificado através e por meio dos povos considerados primitivos, antigos e arcaicos. Dessa forma, iremos realizar uma tentativa de reconstrução cronológica da formação e manifestação das primeiras práticas místicas, mágicas, ritualísticas e sacrificiais ao longo da história, e que vão culminar na formação das ‘religiões.’ Uma vez que, é justamente através e por meio das relações entre os povos, sociedades, culturas, civilizações e seus antropofagismos culturais, místicos, míticos, ritualísticos e de crenças, que se produzem outras manifestações e possíveis ‘religiões.’ Com isso, são nas relações e interações sociais entre as mesmas, integrando certos elementos, conteúdos, crenças etc., umas das outras, que as manifestações tidas como religiosas foram surgindo e se disseminando por inúmeros lugares. Logo, tais processos e manifestações não permaneceram estáticos, mas foram mudando e se transformando ao longo da história até a atualidade. E assim, a Magia, os Rituais, Mitos, sacrifícios e relações com a morte também foram se transformando e sendo ressignificados. Produzindo nos processos, diferenciações e transformações, certas dissonâncias, mas também mantendo certas consonâncias ou semelhanças. Entretanto, após a criação das religiões e suas relações com o Estado, sobretudo com o sistema capitalista, tais dissonâncias são bem mais evidentes. Também podemos dizer que o trabalho em tela, talvez seja uma exposição sumária dos desdobramentos dos processos ‘evolutivos,’ de desenvolvimentos, progressos e multiprodutos das inúmeras

manifestações místicas, religiosas, culturais e de seus ‘deuses.’ ‘Evolutivos, progressos e desenvolvimentos aqui, diz apenas nos sentidos e aspectos das criações, produções, reelaborações e organizações criativas dos povos, sociedades e ou civilizações, suas culturas, misticismos e crenças. Sobretudo de suas divindades, magias, rituais e deuses. Porém, não havendo superiores ou inferiores entre nenhuma.

Palavras-chave: Misticismos; Primitivos; Rituais; Sacrifícios; Historiografia; Crenças; Religiões; Modernidade; Capitalismo; Morte.

Apresentação

Pontos importantes e relevantes a considerar: Para uma melhor compreensão dos conteúdos aqui discutidos, neste momento tentaremos situar o leitor diante do presente trabalho. Para tanto, precisamos expressar algumas informações relevantes como pontos de partida e ou iniciais para uma abordagem esclarecedora da proposta. Sendo assim, (1º) as referências bibliográficas foram utilizadas de modo a buscar o que cada autor pesquisou, leu, apresentou, estudou, interpretou, reinterpreto, significou e descreveu sobre manifestações místicas, ritualísticas, míticas, sacrificiais e religiosas em algum momento de seus escritos, logo, isso foi o que nos fez ir às obras dos mesmos como fontes, e que aqui selecionamos e escolhemos como nossas referências de estudos e pesquisas para este construto. Mesmo que, ou se algum autor, de alguma forma tenha feito-realizado alguma apologia religiosa ou outra, expressado algum sentimento ou posicionamento preconceituoso, etnocêntrico ou de xenofobia para com algum povo, cultura, manifestação religiosa ou época, uma vez que, o que nos interessa aqui é apenas colher, estudar e analisar aquilo que ele (ou eles, tais autores) encontrou (ou encontraram) como fenômeno e manifestação mística e religiosa, sejam em literaturas e pesquisas, e tanto de cunho sociológico, antropológico, histórico, filosófico e assim por diante. Ou seja, nós tentaremos nos distanciar do autor (ou dos autores) e de suas interpretações e descrições dos objetos, e realizarmos outros olhares e análises. Com abordagens multidisciplinares, transdisciplinares e interdisciplinares. Algumas poderão corroborar com as concepções do (s) autor (es), outras, porém não, e assim procederemos, mas sem desconfigurar a obra ou pensamento do (s) autor (es). Entretanto, não nos manteremos

passivos quanto a novos achados e teorias sobre o mesmo assunto e ou objeto de estudo. Portanto, será verificado ao fim do trabalho, as referências no qual tais descrições aqui em tela foram construídas e apresentadas. Como se cada tópico com suas discussões fossem resumos, resenhas, reflexões sobre e ou sínteses de várias obras, tanto discutindo um mesmo assunto ou tema, quanto o atualizando e o ressignificando. Assim sendo, as obras selecionadas, estudadas e como referências não possuem aspectos de contradições ou antagonismos para a construção de nossas análises e sobre nossos objetos, mas sim contribuem para montar o arcabouço do mesmo, suas discussões e ponderações. Vale dizer que as referências também são sugestões de leituras para todos aqueles que se interessam pelos assuntos e temas aqui elencados, e em discussões. (2º) O trabalho aqui não é objeto e nem têm por objetivos ou pretensões de ataques a nenhuma religião em específica. Mas sim a desconstrução equivocada e errônea de ressaltar e hierarquizar manifestações ou religiões entre si, logo, nos interessa em desconstruir certas narrativas que supervalorizam uma ou algumas religiões em detrimento de outras. Logo, o trabalho não é uma teologia, apologia religiosa, de ou das religiões, antirreligioso ou de irreligiões, mas um construto sumarizado sobre a possível história das primeiras manifestações místicas, mágicas, ritualísticas e religiosas até a contemporaneidade. Portanto, ele, o trabalho é mais uma apologia da historicidade e ou também da 'história' de como podem ter surgido ou se deram as primeiras manifestações místicas, mágicas e ritualísticas, e se transformando em fenômenos religiosos mais estruturados. Enfim, acreditamos que o construto em tela pode ser ou tentar ser, um instrumento e ou uma ferramenta útil para frear certos movimentos de ou grupos extremistas, fundamentalistas,

etnocêntricos, xenófobos, preconceituosos, intolerantes e de supremacias culturais, religiosas e teológicas. Inclusive o referido aqui, também trazer certos esclarecimentos e conhecimentos para as sociedades de forma acessível, clara, objetiva e científica. Fundamentado em e por várias áreas, disciplinas e campos das ciências. Logo, quando utilizarmos aqui que fizemos exercícios abstrativos-imaginativos e criativos, se referem unicamente a reflexões intelectuais e em teorias, extraíndo teses, antíteses e sínteses no qual fizemos. Inclusive reflexões na mesma perspectiva metodológica que René Descartes, o filósofo francês realizou, isso quando através e por meio de seu ceticismo metodológico, fez esvaziar a mente de conteúdos antigos, para assim alcançar e trazer o novo para entrar, através de processos mentais reflexivos, abstratos, seus conteúdos e novas extrações (importante dizer que esta é apenas umas das interpretações e características do ceticismo metodológico cartesiano como ferramenta e instrumento de e para análises e estudos de dados e informações em geral). Porém, tivemos o cuidado com os subjetivismos (ainda que muitas ciências contenham certos subjetivismos), mas fizemos o esforço de estarmos trabalhando com probabilidades, hipóteses e possibilidades. Isso com e de construções dentro de certa lógica e epistemologias dos processos históricos e de suas produções socioculturais e históricas. E como há alguns que questionam o método ou ceticismo metodológico cartesiano, então, em nosso caso, atualizamos tal método cartesiano, não deixando ‘Deus’ como sustentação inicial e final do método. Já que ele, Descartes, de certa forma manteve suas crenças e convicções religiosas como base em e de seu método. Entretanto, é compreensível tentar entender o porquê de ele ter de agir, e se posicionar de tal forma, aliás, ninguém quer acabar

numa fogueira como um herege ou apostata, como aconteceu com seu contemporâneo italiano, Giordano Bruno, queimado vivo por pensar novas ideias, expressar, escrever e compartilhá-las. Ou seja, o método cartesiano nos foi muito útil e de grande valia para a construção desse trabalho. (3º) Nossos objetos de e para as análises de estudos foram buscados ou situados em tempos longínquos, como se estivéssemos remontando as primeiras formações ou de pequenos grupos humanos no tempo e no espaço físico, geográfico e histórico (os primeiros grupos, famílias, sociedades e ou coletivos, porém, sem a existência de ‘Estados’). Desse modo, poderíamos dizer que o trabalho faz certo exercício intelectual, abstrativos-imaginativo, reflexivo e criativo evolutivo, isso em e de imaginar, criar e situar como os primeiros grupos humanos foram se reunindo, e como cada grupo com seus indivíduos foram criando os conteúdos místicos, mágicos, ritualísticos, de linguagens, simbólicos, ‘espirituais,’ de crenças, sacrifícios etc., e se tornando alguns em religiões institucionalizadas ou simplesmente em manifestações religiosas ou místicas. Com isso, dissociamos misticismo e religião (porém, mais adiante no tempo e espaço sócio-histórico e cultural, voltamos a associá-las), mas fomos explicando em todos os momentos necessários, e que precisássemos substituir termos para os contextualizar, isso por causa dos tempos socioculturais dos mesmos. Com isso, não fizemos exposições de palavras antigas e em idiomas antigos, mas apenas em modernas e suas traduções, que não deixam de ser um problema, e que também não deixam de ser interpretações em outros idiomas. Ou seja, uma tradução acaba carregando um pouco de interpretação em si. Já que nenhuma língua é idêntica a outra, mas apenas contém semelhanças entre si, e nem tão pouco seus significados são os mesmos, muito

menos os significados subjetivos que os falantes ou usuários lhe conferem. Para tais problemáticas, alguns dicionários nos foram de suma importância. Isso para trazer o melhor termo, seu sentido e significado entre palavras e termos antigos e na contemporaneidade. Sendo assim, a filosofia da linguagem, a lógica, a análise do discurso, procedimentos de hermenêuticas e exegeses foram utilizados para alcançarmos nossos objetivos e os objetivos dos objetos em falarem por si, já que nosso maior desejo era deixar os objetos falarem. O que é extremamente difícil. Para o êxito desse processo, o item 1º, 2º e o 4º aqui, foram cruciais e fundamentais. (4º) Assim sendo, partimos de novos e outros olhares pela e da perspectiva ‘evolucionistas’ dos objetos, seus contextos socioculturais e conteúdos. E assim também foram se dando as análises e os comentários sobre os referidos. De modo cuidadosos e cauteloso. Ou seja, a abordagem dos objetos, seus fenômenos e manifestações seguem certa linha ‘evolucionista.’ Mas não evolucionista no sentido estrito ou a alguma corrente específica e ‘fechada de estudo (dogmática, ortodoxa etc.).’ Mas foi o termo que melhor se encaixou para ser cunhado, expormos e explicarmos os desdobramentos sócio-históricos e seus processos, já que termos vagos e soltos sem explicação, tal como desenvolvimento e ou progresso trariam a noção ou ideia das produções antagônicas, complexas e contraditórias da era moderna e do atual sistema (bem como ideais positivistas, neopositivistas, cientificistas etc.). Desse modo, optamos por utilizar a palavra ou termo evoluindo, evoluir, evolução, longe daquelas correntes ortodoxas, dogmáticas etc. Enfim, foi apenas um termo emprestado do ‘darwinismo,’ mas sem suas ortodoxias ou dogmáticas. (5º) Portanto, é considerável informar que esta produção está sob óticas, análises e reflexões

das áreas, campos e disciplinas da filosofia da história, filosofia das religiões, sociologia, psicologia e história das religiões, da antropologia cultural, social e das religiões, da ciência das religiões e dentre outras. (6º) Misticismo, Magia, Rituais, Sacrifícios e Religião não se dão todos ao mesmo tempo durante suas primeiras produções (informação de grande importância). Já que as primeiras manifestações místicas da humanidade vão se dando por processos e procedimentos de abstrações, subjetividades, antropomorfismos, antropopatismos, epifanias, animismos, totemismos, panteísmos etc. Entretanto, não ainda contendo Deuses, Divindades e Mitos como conhecemos na modernidade. Aqui estamos apenas a mencionar como estas foram fluindo, não necessariamente naquela ordem, onde no qual as abstrações e subjetividades começaram a ganhar formas, esquemas e escopos na e para a materialidade e concretude social. Todas essas atitudes e movimentos mencionados carregavam e carregam a ação de crer, de crenças, misticismos, magias e atualmente a ‘famosa fé.’ Mas no tempo histórico das primeiras manifestações místicas, primitivas e arcaicas, a crença é o primeiro elo, a magia e os rituais vão sendo construídos aos poucos durante a mística e suas crenças, logo a seguir se introduzem os rituais e os sacrifícios. O sacrifício é o último elo no desenvolvimento desse cenário da prática subjetiva e objetiva das primeiras manifestações místicas e de crenças, e que vão culminar com o surgimento das ‘religiões mais sistematizadas e estruturadas.’ Vale informar que místico, mística e misticismo aqui, nas eras primitivas, antigas e arcaicas não significam e correspondem as posteriores e modernas concepções filosóficas místicas, ou místicas filosóficas, e nem tão pouco as místicas teológicas ou teologias místicas posteriores e modernas (e ou atuais). Mas eram misticismos,

crenças e místicas específicas da era, contextos, condições e necessidades sociais, culturais, econômicas, psíquicas, ‘espirituais’ e históricas da época, de grupos, povos e sociedades daquela época ‘antiga,’ e que ‘eram diferentes das de hoje.’ Concluo esta apresentação com a afirmativa de Protágoras de Abdera, que dizia: “O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são.” A isso Protágoras se referia sobre o homem como centro das coisas que vê, sente, percebe, reflete e produz. Aqui além de conter o relativismo, também contém o antropocentrismo. Esta afirmativa também é relativa alguns casos, porém, com certezas em outros. Vejamos os exemplos. Ou seja, podemos dizer que o fogo queima, isso não é relativo e sim certo e absoluto, assim como a água molha e sacia a sede, bem como se não nos alimentarmos morreremos. Tais fatos não são relativos, mas verdadeiros e certos. Mas quando dizemos sobre sensações outras como: o sol está perto hoje, ou a lua parece maior que o sol, são sensações e percepções relativas, já que ambas também contêm ilusões de ótica. Assim como um alimento que para uma pessoa pode ser doce, para outra azedo, para outra amargo etc. Ou seja, o alimento será relativo a cada paladar e gosto. E o que dizer das sensações e percepções místicas, mágicas, suas noções e concepções ‘espirituais,’ ‘religiosas’ e com ‘deuses ou divindades?’ Fica notório que elas não são fatos absolutos em si, mas evidências relativas, pois cada pessoa vê, sente, percebe e reproduz sensações e percepções místicas de forma bem particular, pessoal e específica. Isso também em relação as manifestações religiosas e seus deuses. Já que são produtos culturais, sociais e de subjetividades. Enfim, estes são produtos humanos e relativos a cada um.

Introdução

As manifestações religiosas ocupam um lugar de grande importância na vida e coletividade de muitos povos, sociedades e culturas (assim como a economia, já que a política é imanente e inerente a qualquer sociedade).² Em alguns povos, sociedades e culturas, ela, as manifestações místicas e ‘religiosas’ são quase como que o centro da vida de tais sociedades e ou civilizações; e em outras ela é apenas mais um referencial moral, ético, estético e de organização, controle e diretrizes sociais. Entretanto, também há sociedades que não dão tanta importância as religiões e suas manifestações, já que as compreendem e as concebem, e com certeza, que elas são apenas mais um dos produtos sociais, culturais, históricos e das subjetividades humanas nas interações sociais.³ Sendo elas,

² - Não digo a instituições políticas, partidos políticos etc. Mas ao ser político por natureza e fazer política através e por meio das escolhas, opções, discussões e tomadas de posições diante de um fato, demanda, posicionamentos, situações, requerimentos etc. Uma simples barganha de preço de um produto numa feira, quanto uma reunião de pais e professores numa escola são atitudes e atividades políticas.

³ - Importante dizer que, a própria manifestação, atividade e compartilhamento ou divulgação de uma fé, uma crença, uma manifestação religiosa e outras ligadas a esta, não são apenas simples manifestações religiosas, mas também estão carregadas de conteúdos de escolhas, decisões, opções, opiniões, posicionamentos etc., portanto, também o são políticos. Atitudes e atividades políticas, e não apenas e meramente religiosas. Já que a natureza política, ou seja, de escolher e

mais uma opção e manifestação pessoal, individual e com suas características e especificidades, assim como a escolha de uma roupa, de uma casa, de uma alimentação, de uma pessoa para se relacionar, pela opção sexual etc.

Com isso, nenhuma religião deve ou pode ter a pretensão de controlar, coibir, coagir, assediar, disciplinar, promover violências e intolerâncias contra seus membros ou elementos dos seus grupos para permanecerem nela, nem tão pouco sobre outros indivíduos e atores sociais para fazerem parte dela, forçadamente ou obrigatoriamente. Uma vez que todas as pessoas são livres para escolherem o que lhes for considerado como melhor. Onde cada um deve respeitar a escolha pessoal e individual do outro, dentro da liberdade de cada um.

Entretanto, vivemos numa era de intolerâncias, desrespeitos, etnocentrismos, xenofobias, de promoção e divulgação de práticas de violências, de e em diversas formas, sentidos, modos, tipos, âmbitos e aspectos, sejam simbólicas, verbais e ou físicas corporais. Onde em certa medida em alguns

tomar partido de, faz parte do ser essencialmente político humano. E mais uma vez, apenas para deixar claro, aqui não nos referimos a partidos políticos. Mas sim ao fazer político atrelado e ligado a ‘essência e a condição humana’ enquanto seres políticos por natureza. Sendo assim, manifestações, atividades e ações religiosas de alguma forma também são e estão carregadas de conteúdos políticos.

casos, há por detrás ou como pano de fundo, questões religiosas ou de intolerâncias culturais (ou até mesmo regionais). Há casos em que a religião é o motivo principal e central dos conflitos, perseguições, embates, disputas e violências. E isso parece nos remeter a certos milênios, talvez mais de um ou dois, anteriores a era cristã, e sobretudo alguns após a era cristã (do ano I a.D.), neste último caso, especificamente quando o cristianismo se pretende se colocar como e ser a religião principal, universal e ou global da época e contexto, e assim se impondo sobre outros povos, culturas e suas manifestações místicas, de crenças, mágicas, ‘religiosas’ etc. E é lógico que isso iria trazer e trouxe imediatamente, e ainda trazem, sérias consequências, revoltas e reações de diversos tipos, modos, níveis e graus. Isso porque são poucos vestígios históricos e arqueológicos em que se encontram fatos e eventos em que uma manifestação religiosa se pretende ser global e ou universal. Historicamente e arqueologicamente não há evidências sobre isso. Logo, não era um fato comum entre os povos antigos ou mais antigos e primitivos. Ou seja, esse fenômeno e movimento religioso e político é um fato pouco comum ou incomum na história humana mundial. Se dando mais especificamente com as religiões de cunho monoteístas. Como uma espécie de evangelização e conversão do mundo a determinada religião. Enfim, estes são fatos pouco comuns ou quase incomuns na

história das religiões ou de manifestações místicas e religiosas da história humana e ou geral humana. Desse modo, se pode talvez observar tais conflitos religiosos mais acentuados, possivelmente a partir dos sumérios até nós, é onde os registros arqueológicos e históricos conseguem alcançar ‘com certa precisão,’ porém, sem certezas absolutas sobre conflitos de religiões se pretendendo ser globais, únicas e universais, o que há apenas e na verdade, são evidências de certas manifestações místicas, de crenças, sacrificiais, mágicas e ‘religiosas’ que foram já se pretendendo ser talvez uma oficial sobre as demais práticas mágicas e de crenças místicas da época. Oficial não é o mesmo e nem sinônimo de ser global, verdadeira, universal e única. Ou seja, aproximadamente entre dois e três mil anos antes da era cristã, talvez quatro, onde já parecem surgir os primeiros conflitos de ‘cunho místico religioso (enfim, os achados históricos e arqueológicos conseguem verificar tais fatos com aparente precisão, entre três e cinco milênios no máximo, antes da era cristã).’ É evidente que isso não vai ocorrer como nos dois primeiros milênios da era cristã como nos dois posteriores (até o presente momento), isso da época e ou era dos grandes reinos, monarquias e ou impérios desde ou como a Suméria, a Mesopotâmia, o Egito, os Fenícios, os Gregos, os Persas, os Babilônicos, os Assírios, os Israelitas, os Romanos etc. Enfim, desde os dois primeiros milênios a era

cristã quanto os dois até a atualidade, como com a formação da Europa, das monarquias nacionais, os países e atuais impérios. Os conflitos religiosos nesses espaços são bem mais visíveis, notórios e acentuados do que os dos povos de mais de três, quatro ou cinco mil anos antes da era cristã. Isso demonstra que os povos, culturas e sociedades dos dois primeiros milênios anteriores a era cristã quanto os dois posteriores são mais fundamentalistas, intolerantes e dados aos fanatismos religiosos. Que não deixam de serem também políticos. E sobretudo, isso foi se dando quanto mais as manifestações místicas e mágicas se transformando em religiões ou processos religiosos mais estruturados, sistematizados e vinculados aos ‘Estados’ ou governos, reis, monarcas e imperadores. A ‘famosa união’ ou vinculação, talvez fusão, entre Estado e religião.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2012.

ACKER, T. V. Renascimento e Humanismo. São Paulo. Atual Editora, 1992.

ANDERSON, P. Passagens da Antiguidade ao Feudalismo. São Paulo. Brasiliense, 2004.

ALMEIDA, J. F. Bíblia Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo, 2007.

ARENDT, H. As Origens do Totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ARENDT, H. Eichmann em Jerusalém. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ARISTÓTELES. Política. São Paulo: Martin Claret, 2004.

ARMSTRONG, K. Uma História de Deus. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ASCH, S. E. Psicologia Social. Rio de Janeiro: Nacional, 1977.

ASHERI, D. O Estado Persa. São Paulo. Perspectiva. 2003.

ASLAN, R. Deus uma História Humana. Rio de Janeiro. Zahar, 2016.

ASSAYAS, C. A. Cícero-Figuras do Saber. São Paulo. Editora: Estação Liberdade, 2018.

BARCELLOS, G. Mitologias Arquetípicas. Rio de Janeiro. Vozes, 2019.

BARTH, F. O guru e o iniciador e outras variações Antropológicas. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

- BATAILLE, G. Teoria da Religião. Belo Horizonte. Editora: Autêntica, 2016.
- BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro. Zahar, 2017.
- BEARD, M. SPQR: Uma História da Roma Antiga. São Paulo: Crítica, 2017.
- BENJAMIN, W. O Capitalismo como Religião. São Paulo. Boitempo, 2015.
- BERGMAN, L. A. A Origem Egípcia do Cristianismo. São Paulo. Pensamento, 2014.
- BERMAN, M. Tudo o que é sólido desmancha no ar. São Paulo. Companhia das Letras, 2006.
- BIALE, D. Cabala e contra - História: Gershom Scholem. São Paulo. Perspectiva, 2007.
- BÍBLIA. Em Ordem Cronológica, NVI. São Paulo. Ed. Vida, 2010.
- BLOCH, M. Apologia da História ou o Ofício de Historiador. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2002.
- BLOCH, M. A Sociedade Feudal. São Paulo. Edipro, 2005.
- BOAS, F. Antropologia Cultural. Rio de Janeiro. Zahar, 2007.
- BOAS, F. A Mente do Ser Humano Primitivo. Rio de Janeiro. Vozes, 2015.
- BORGES, V. P. O Que é História. São Paulo. Brasiliense, 1996.
- BORNHEIM, G. Os Filósofos Pré-Socráticos. São Paulo: Cultrix, 1999.
- BOSI, A. Dialética da Colonização. São Paulo. Editora: Companhia das Letras, 2010.
- BOTERO, J. No começo eram os Deuses. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BOUCHERON, P.; DELALAN, N. Por uma História-Mundo. São Paulo. Autêntica, 2014.

BOURDÉ, G.; MARTÍN, H. As Escolas Históricas. Belo Horizonte. Editora: Autêntica, 2016.

BOURDIEU, P. Questões de Sociologia. Lisboa. Editora: Fim de Séculos, 2003.

BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 2012.

BUDGE, E. A. W. As ideias dos Egípcios sobre a vida futura. São Paulo. Madras, 2010.

BUDGE, E. A. W. O Livro dos Mortos do Antigo Egito. São Paulo. Madras, 2019.

BULFINCH, T. O Livro da Mitologia. São Paulo. Martin Claret, 2009.

CAIRNS, E. E. O Cristianismo Através dos Séculos: Uma História da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 2010.

CAMPBELL, J. As Transformações do Mito Através do Tempo. São Paulo. Cultrix, 2010.

CAMPBELL, J. As máscaras de Deus – Vol. 1 – 3. São Paulo. Editora: Palas Athena, 2013.

CAMPO, L. A. Dicionário básico de Antropologia. Equador: Abya-Yala 2008.

CARDOSO, C. F. S. O Egito Antigo. São Paulo: Brasiliense, 2014.

CARNOY, M. Estado e teoria política. São Paulo. Campinas: Papyrus, 1990.

CARR, E. H. Que é História. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

- CASSIRER, E. Ensaio sobre o homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CASTRO, C. Textos Básicos de Antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- CATROGA, F. Memória, história e historiografia. Rio de Janeiro: FGV, 2017.
- CESCON, E.; NODANI, P. C. O Mistério do Mal. Caxias do Sul-RJ. EDUCS, 2006.
- CHAGAS, C. E. O Papel Social da Língua: O Poder das Variedades Linguísticas - Revista do Departamento de Letras. Faculdade de Formação de Professores da UERJ, n, 16, 2008.
- CHALLITA, M. O Alcorão. Rio de Janeiro. BestBolso, 2020.
- CHAUÍ, M. O Que é Ideologia. São Paulo. Brasiliense, 1980.
- CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo. Ática, 2006.
- CÍCERO, M. T. Da Natureza dos Deuses I. João Pessoa. Ideia, 2017.
- CLASTRES, P. A Sociedade contra o Estado. São Paulo. Cosac & Naify, 2012.
- CLASTRES, P. Arqueologia da Violência. Pesquisas de Antropologia Política, São Paulo, Cosac & Naify, 2015.
- COLEMAN, J. A. O Dicionário de Mitologia. São Paulo: Pé da Letra, 2018.
- COMMELIN, P. Mitologia Grega e Romana. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- CONFÚCIO. Os Analectos. São Paulo. L&PM, 2014.
- CORDEIRO, H. D. O Que é Judaísmo. São Paulo. Brasiliense, 2002.

COULANGES, F. A Cidade Antiga. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

COVRE, M. L. M. O que é Cidadania. São Paulo. Editora: Brasiliense, 1990.

CUCHÉ, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 2001.

CUMONT, F. Os Mistérios de Mitra. São Paulo. Madras, 2006.

DESCARTES, R. Discurso do Método. Os Pensadores. São Paulo. Abril, 1999.

DUARTE, M. B. A Dimensão Ontológica do Homem em Aristóteles e Marx: Fundamentando o Educando como Ser Político-Social e de Trabalho no Processo Educacional Social. Natal – RN, Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação, UFRN, [S. l.], n. 17, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/13148>

DUARTE, M. B. O Animal Essencialmente Político. Piauí - Cadernos Do PET Filosofia, 10(19), 58-69. UFPI, 2019, Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pet/article/view/1967>

DUARTE, M. B. O que é história, o sentido da história e a historiografia. Oficina do historiador, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 1-14, jan.-dez. 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/38960>

DUARTE, M. B. Etnocentrismo, Xenofobia e Medo: Pulsão, Repressão e Recalque como Medo oculto do outro, do desconhecido, do diferente e do diverso. Interterritórios Revista de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, BRASIL, V.8 N.17: e254345 [2022 A]. Disponível: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interterritorios/article/view/254345/43090>.

DUARTE, M. B. (2022 B). Sagrado, Profano, Religião, Magia, Sacrifício e Ritos em Frazer, Durkheim, Hubert & Mauss, Van Gennep e Lévi-Strauss. *Anthropológicas*, ano 26, v. 33, n. 1, p. 252-267, [2022] 2022 B. DOI: <https://doi.org/10.51359/2525-5223.2022.256980>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/256980/43480>.

DUARTE, M. B. (No prelo). Título: Por outras Historiografias, Antropologias e Histórias da Filosofia; Tema: Sócrates, uma vítima do fundamentalismo religioso, da intolerância e da judicialização da política, da religião e da filosofia: A condenação da arte de pensar criticamente. *Revista Observatório - Universidade Federal do Tocantins / Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE-UFT); Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho / Grupo de Pesquisa em Democracia e Gestão Social (GEDGS-UNESP)*. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/about>

DUARTE, M. B. O Antigo e Atual ritual de sacrifícios humanos aos Deuses e ou Divindades: Ritos que se repetem em novas roupagens, fórmulas e *modus operandi* (2024). No prelo.

DUARTE, M. B. ‘Feudalismo erudito,’ ‘feudalismo rústico’ e ‘feudalismo pós-moderno:’ termos com sutis interconexões e em práticas também sutis na atualidade capitalista (DUARTE, 2024). No prelo.

DUBY, G. O Ano Mil. Lisboa: Edições 70, 1967.

DUBY, G. Ano 1000 ao ano 2000, na pista de nossos medos. São Paulo. UNESP, 2005.

DUBY, G. A História continua. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

DUBY, G. Idade média, idade dos homens. São Paulo. Companhia da Letras, 2014.

DELUMEAU, J. História do Medo no Ocidente (1300- 1800) – Uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

DUMOULIN, O. O Papel Social do Historiador. Belo Horizonte. Editora: Autêntica, 2016.

DURKHEIM, E. As Formas Elementares da Vida Religiosa. Rio de Janeiro: Paulus, 2014.

ELIADE, M. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ELIADE, M. História das crenças e das ideias religiosas: Vol.1-3. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2014.

ELIADE, M. O Sagrado e o Profano: A essência das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

ENGELS, F. A Ideologia Alemã. São Paulo. Martin Claret, 2010.

ENGELS, F. A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra. São Paulo. Boitempo, 2014.

ENGELS, F. A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. São Paulo. Boitempo, 2019.

ESTEVES, B. Admirável Novo Mundo, Uma História da Ocupação Humana nas Américas. São Paulo. Companhia das Letras, 2023.

FAGAN, B. Uma Breve História da Arqueologia. São Paulo. L&PM, 2019.

FARID ud-Din. A Linguagem dos Pássaros. São Paulo. Attar, 2017.

FERNANDES, F. Fundamentos empíricos da explicação sociológica. São Paulo: Ed. Nacional. 1979.

- FERRARI, A. T. Metodologia da ciência. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.
- FERRO, M. A colonização explicada a todos. São Paulo. Unesp, 2017.
- FESTINGER, L. Teoria da Dissonância Cognitiva. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FLORES, L. P. Adoradores do Sol. Rio de Janeiro. Vozes, 2003.
- FLORENZANO, M. T. O Mundo Antigo: Economia e Sociedade. São Paulo: Brasiliense, 2017.
- FRANCHINI, A. S. As 100 melhores lendas do folclore brasileiro. São Paulo. L&PM, 2019.
- FRANCO JR, H. A Idade Média: Nascimento do Ocidente. São Paulo. Brasiliense, 1983.
- FOUCAULT, M. Vigiar e Punir-História da Violência nas Prisões. Rio de Janeiro. Editora: Vozes, 2012.
- FRAZER, J. G. O Ramo de Ouro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1984.
- FREUD, S. O Mal-estar na Civilização. São Paulo: L&PM, 2011.
- FREUD, S. Totem e Tabu. São Paulo. L&PM, 2013.
- FREUD, S. Psicologias das Massas e Análises do EU. São Paulo. Editora: L&PM, 2014.
- FREUD, S. Além do Princípio de Prazer. São Paulo. Editora: L&PM, 2015.
- FREUD, S. Inibição, Sintoma e Medo. São Paulo. L&PM, 2017 A.
- FREUD, S. O Homem Moisés e a Religião Monoteísta. São Paulo. Editora: L&PM, 2017B.

FREUD, S. Tempos de Guerra. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2021.

FREUD, S.; EINSTEIN, A. Por que a Guerra? Reflexões sobre o destino do mundo. Lisboa. Ed.70, 2017.

FUNARI, P. P. Arqueologia. São Paulo. Contexto, 2004.

FUNARI, P. P. As Religiões que o Mundo Esqueceu. São Paulo: Contexto, 2016.

FUNARI, P. P., Grécia e Roma. São Paulo. Contexto, 2020.

FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. S. Historiografia, Salústio, Tito Lívio e Tácito. Unicamp, 2014.

FUNARI, P. P.; NOELLI, F. S. Pré-História do Brasil. São Paulo. Contexto, 2023.

GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER H. O Livro das Religiões. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GALEANO, E. As Veias Abertas da América Latina. São Paulo. Editora, L&PM, 2016.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GIBBON, E. O Declínio e queda do império romano. São Paulo. Companhia das Letras, 2014.

GIBBON, E. Os cristãos e a queda de Roma. São Paulo. Companhia das Letras, 2017.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo. Editora: Atlas, 2001.

GNILKA, J. Bíblia e Alcorão. São Paulo. Loyola, 2017.

GINZBURG, C. Mitos, emblemas e sinais. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

- GINZBURG, C. Medo, Reverência e Terror. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- GINZBURG, C. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- GIORDANI, M. C. História da Antiguidade Oriental. Rio de Janeiro. Vozes, 1972.
- GIORDANI, M. C. História dos reinos bárbaros. Rio de Janeiro. Vozes, 1974.
- GIORDANI, M. C. Antiguidade Clássica, História de Roma. Vozes, 1978.
- GOODY, J. O Mito, O Ritual e o Oral. Rio de Janeiro. Vozes, 2017.
- GOSDEN, C. Pré-história. São Paulo. L&PM, 2012.
- GRIMAL, P. História de Roma. São Paulo. Editora: Unesp, 2016.
- GUARINELLO, N. L. História Antiga. São Paulo: Contexto, 2016.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2008.
- HERTZ, R. Sociologia Religiosa e Folclore. Rio de Janeiro. Vozes, 2013.
- HESÍODO. Os Trabalhos e os Dias. São Paulo. Iluminuras, 2016.
- HESÍODO. Teogonia. São Paulo. Iluminuras, 2017.
- HOMERO. A Ilíada. São Paulo. Companhia das letras, 2014.
- HOMERO. A Odisseia. São Paulo. Companhia das letras, 2016.
- HOBSBAWM, E. A Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

- HOBSBAWM, E. J. Sobre a História. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HOBSBAWN, E. J.; RANGER, T. A invenção das tradições. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2018.
- HUME, D. História Natural da Religião. São Paulo: Unesp, 2007.
- JAEGER, W. Paidéia - A Formação do Homem grego. São Paulo. Editora: Martins, 1995.
- JASMIN, M.G.; FRERES Jr., J (Org). História dos conceitos: debates e perspectivas. Rio de Janeiro: Editora: Loyola, IUPERJ, 2006.
- JOSEFO, F. História dos Hebreus. Rio de Janeiro. CPAD, 2007.
- JUNG, C. G. O Homem e seus símbolos. Rio de Janeiro. Harper Collins, 2017.
- KNEALE, M. Roma: Uma história em sete invasões. São Paulo. Editora: Vestígio, 2018.
- KOSELLECK, R; MEIER, C; GÜNTHER, H; ENGELS, O. O conceito de História. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- KOSELLECK, R. Crítica e Crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2016.
- KOSELLECK, R. Histórias de Conceitos. São Paulo. Editora: Contraponto, 2016.
- KRIWACZEK, P. Babilônia: A Mesopotâmia e o nascimento da civilização. Rio de Janeiro. Zahar, 2018.
- KUHN, T. S. A Estrutura das revoluções científicas. São Paulo. Editora: Perspectiva, 2004.
- LAFARGUE, P. A Religião do Capital. São Paulo. Editora: 100 cabeças, 2022.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Metodologia científica. São Paulo, Atlas, 1987.

LANGER, J. Midvinterblot: O Sacrifício Humano na Cultura Viking e no Imaginário Contemporâneo. Universidade Estadual do Maranhão. Revista de Estudos Celtas e Germânicos Brathair: Brathair 4 (2), 2004: 61-85. ISSN 1519-9053.

LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2008.

LARAIA, R. B. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LE GOFF, J. A civilização do Ocidente Medieval. Petrópolis: Vozes, 2015.

LELLIS, N. (org.). Israel no Período Persa. São Paulo. Loyola, 2018.

LEONTIEV, A. N. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LÉVÊQUE, P. As Primeiras Civilizações. Coimbra: Edições 70, 2018.

LEVI, E. As Origens da Cabala. São Paulo. Pensamento, 2017.

LÉVI-STRAUSS, J. C. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro Tempo Brasileiro, 1992.

LIVERANI, M. Antigo Oriente. São Paulo. Edusp. 2017.

LORENZ, F. V. Bhagavad-Gitã, a mensagem do mestre. São Paulo. Pensamento, 2007.

MARCONDES, D. Raízes da Dúvida. Rio de Janeiro. Zahar, 2019.

MARTIN, T. R. Roma Antiga. São Paulo. Editora: LPM, 2016.

MARX, K. O Capital. São Paulo: Nova Cultural, 1988. v. 1.

MARX, K.; ENGELS, F. A Ideologia Alemã. São Paulo. Martin Clarent, 2004.

MARX, K. Manuscritos Econômicos Filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, K. O Manifesto do Partido Comunista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

MATYSZAK, P. Os Inimigos de Roma: de Anibal a Átila, o Huno. São Paulo. Amarilys, 2015.

MAUSS, M. & HUBERT, H. “Ensaio Sobre a Natureza e a Função do Sacrifício”. In MAUSS, M.: Ensaios de Sociologia, pp. 141-227. São Paulo: Perspectiva, 1987.

MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Ubu, 2017.

MESGRAVIS, I. PINSKY, C. B., BASSANEZI, C., B. O Brasil que os Europeus encontraram. São Paulo. Editora: Contexto, 2012.

MESGRAVIS, I. História do Brasil Colônia. São Paulo. Editora: Contexto, 2017.

MICELI, P. O Feudalismo. São Paulo. Editora: Atual, 2014.

MONTAGU, A. Introdução à Antropologia. São Paulo: Cultrix, 1969.

MURACHO, H. G. Diálogo dos Mortos. São Paulo. Edusp, 2008.

NEVES, E. G. Sob os Tempos do Equinócio: Oito mil anos de História na Amazônia Central. São Paulo. Ubu, 2022.

NICHOLS, R. H. História da Igreja Cristã. Rio de Janeiro. Editora: Cultura Cristã, 2008.

NIETZSCHE, F. Além do Bem e do Mal. São Paulo. Companhia das Letras, 2016.

OVÍDIO. Metamorfoses. São Paulo. Editora: 34, 2019.

PALS, D. L. Nove Teorias da Religião. Rio de Janeiro. Vozes, 2015.

PEGORARO, O. A. Sentidos da história: Eterno retorno - Destino - Acaso - Desígnio inteligente - Progresso sem fim. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

PEREGALLI, E. A América que os Europeus encontraram. São Paulo. Atual Editora, 2012.

PERROT, M. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Editora: Paz e Terra, 2018.

PINSKY, J. As Primeiras Civilizações. São Paulo. Contexto, 2002.

POMER, L. O surgimento das nações. São Paulo. Atual, 1998.

PROST, A. Doze Lições sobre História. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

REALE, G. Sofistas, Sócrates e Socráticos menores. São Paulo: Loyola, 2015.

RIEGL, A. O Culto Moderno dos Monumentos, sua essência e sua origem. São Paulo. Perspectiva, 2019.

RIES, J. A ciência das religiões: História, historiografia, problemas e método. Rio de Janeiro, Vozes, 2019.

RINKE, S. História da América Latina: Das culturas pré-colombianas até o presente. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2016.

ROSSI, P. O Passado, A Memória, O Esquecimento. São Paulo. UNESP, 2018.

ROUSSEAU, J. J. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. São Paulo. Martins Fontes, 1999.

RUMI, Jalal ud-Din. Poemas Místicos, Divan de Shams de Tabriz. São Paulo. Attar, 2018.

SAGAN, C. O mundo assombrado pelos demônios. São Paulo. Companhia das letras, 2015.

SAID, E. W. Orientalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SAHLINS, M. História e Cultura – Apologia a Tucídides. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

SAHLINS, M. Como pensam os nativos. São Paulo. EDUSP, 2019.

SALINAS, S. S. Do feudalismo ao capitalismo: transições. São Paulo. Atual Editora, 2002.

SANFORD, J. Mal o lado sombrio da realidade. São Paulo. Paulus, 2008.

SEED, P. Cerimonias de Posse na Conquista Europeia do Novo Mundo (1492-1640). São Paulo: Unesp, 1999.

SILVA, G. Dhammapada, caminho da lei. Atthaka o livro das oitavas. São Paulo. Pensamento, 2020.

SMITH, J. R. As Cruzadas uma História. São Paulo: Ecclesiae, 2014.

SOUZA, M. História da Amazônia. Rio de Janeiro. Record, 2019.

TAGORE, RABINDRANATH. Kabir Cem Poemas Místicos. São Paulo. Attar, 2019.

TOSH, J. A Busca da História. Rio de Janeiro. PUCRJ, 2014.

TRESIDDER, J. O grande livro dos Símbolos. Rio de Janeiro. Ediouro, 2002.

TURNER, V. Floresta de Símbolos - Aspectos do ritual Ndembu. Niterói: EDUFF, 2005.

UNNÍNINI, SIN-LÉQI. Ele que o abismo viu: Epopeia de Gilgámesh. São Paulo. Autêntica, 2017.

USARKI, F. Constituintes da Ciência da Religião. São Paulo. Paulinas, 2006.

VAN GENNEP, A. V. Os Ritos de Passagem. Petrópolis: Vozes, 1996.

VALLA, V. V. (org.) Religião e Cultura Popular. Rio de Janeiro. DP&A, 2001.

VERNANT, J. P. O Universo, os Deuses, os Homens. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VEYNE, P. Os gregos acreditavam em seus mitos?: Ensaio sobre a imaginação constituinte. São Paulo: Unesp, 2012.

VEYNE, P. Elegia Erótica Romana. São Paulo. UNESP, 2015.

VEYNE, P. Mito e religião na Grécia antiga. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

VICO, G. Ciência Nova. São Paulo. Ícone Editora, 2008.

VIEIRA, J. L. O Código de Hamurabi. São Paulo. Edipro, 2013.

VIRGÍLIO. Eneida. São Paulo. Editora 34, 2021.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A Transformação Socialista do Homem. Moscou, Varnitso, 1930. In: https://www.marxists.org/portugues/vygotsky/1930/mes/transfor_macao.htm

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WAGNER, R. Símbolos que representam a si mesmos. São Paulo: UNESP, 2016.

WAIBLINGER, A. A Grande Mãe e a Criança Divina. São Paulo. Cultrix, 2019.

WEBER, M. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.

WEBER, M. Sociologia das Religiões. São Paulo. Ícone, 2015.

WOOLF, G. Religião e Pluralidade no Império Romano. Curitiba. UFPR, 2021.

ZIMMER, H. A Conquista Psicológica do Mal. São Paulo. Palas Athenas, 1996.